

Europeus contestam que 90% dos bancos apoiem Plano Baker

A declaração conjunta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, segundo a qual a grande maioria dos bancos comerciais envolvidos diretamente com a enorme dívida de 370 bilhões de dólares dos países da América Latina pelo menos 90%, aprova integralmente a iniciativa do governo dos Estados Unidos, conhecida como Plano Baker (nome do secretário do Tesouro norte-americano), não corresponde à realidade. Pelo menos essa é a opinião de importantes setores financeiros europeus.

Se os nove principais bancos norte-americanos anunciaram seu apoio a esse plano, tentando arrastar o resto do sistema bancário ocidental, constata-se algumas resistências significativas não só na Europa, mas também nos Estados Unidos. Cita-se o silêncio da associação dos banqueiros norte-americanos, que reúne não apenas os chamados maiores do setor, mas também os bancos regionais, muito mais reticentes à idéia de concessão de novos e amplos créditos aos países endividados.

Na Europa, os bancos alemães afirmam que sua resposta só será dada no início do próximo ano. Os bancos suíços não enviaram a sua e afirmam que ainda não sabem se responderão ou não à consulta feita ao conjunto de credores internacionais.

Ora, apesar disso, o FMI e o Banco Mundial resolveram anunciar que a maioria absoluta dos bancos envolvidos com a dívida do Terceiro Mundo apoiavam o Plano Baker. Nessa linha de reserva à iniciativa dos EUA, cita-se também a própria resposta dos bancos comerciais franceses, muito mais reservados do que os norte-americanos. Mesmo reconhecendo os aspectos positivos do Plano Baker em relação ao problema do endividamento, os banqueiros franceses se mostram mais prudentes do que seus colegas norte-americanos e não utilizam em seu comunicado a palavra apoio. Eles anunciam sua colaboração, mas sob reserva, desde que as hipóteses econômicas em matéria de crescimento anunciadas por James Baker se concretizem. Isto é, os bancos franceses exigem esforços financeiros simultâneos das organizações internacionais, além de insistir na negociação caso por caso e não no estabelecimento de uma lista de "devedores privilegiados", 15 segundo o Plano Baker.

Para esses representantes dos grandes bancos comerciais franceses é preciso reforçar os mecanismos de controle que devem ser exercidos pelos organismos internacionais sobre as economias dos países endividados.

A análise dos bancos

Uma análise feita junto aos bancos e institutos internacionais revela que, hoje em dia é ao contrário do que ocorreu num passado recente, entre os três principais devedores da América Latina, a Argentina passou a ser considerada "o bom aluno", o México "um aluno relaxado" e, o Brasil, um jogador que assume riscos demasiadamente perigosos.

Segundo as organizações financeiras internacionais, o Brasil apresenta-se melhor do que o México sob alguns aspectos e pior sob outros. Melhor por ser visto como uma grande potência agrícola, mineral e industrial diversificada, cujo crescimento real passou de 1,5% em 1982 para 7% este ano. Além disso, seu excedente comercial atinge 12 bilhões de dólares e suas reservas progrediram de cinco para 11 bilhões de dólares, sem que houvesse nenhuma interrupção no pagamento do serviço da dívida.

Mas, por outro lado, o Brasil passou a esnoabar o Fundo Monetário Internacional, não renovando seu acordo com essa instituição, na ambição de negociar diretamente com os bancos credores. A massa monetária pode ser multiplicada por cinco nos últimos três anos e a inflação no final do ano está perto dos 230%. Para alguns técnicos do FMI, o Brasil tem conseguido caminhar relativamente bem, contra todas as regras ortodoxas, graças ao crescimento. Mas se mostram céticos quanto às possibilidades de essa situação perdurar por muito tempo.

Realí Júnior, de Paris